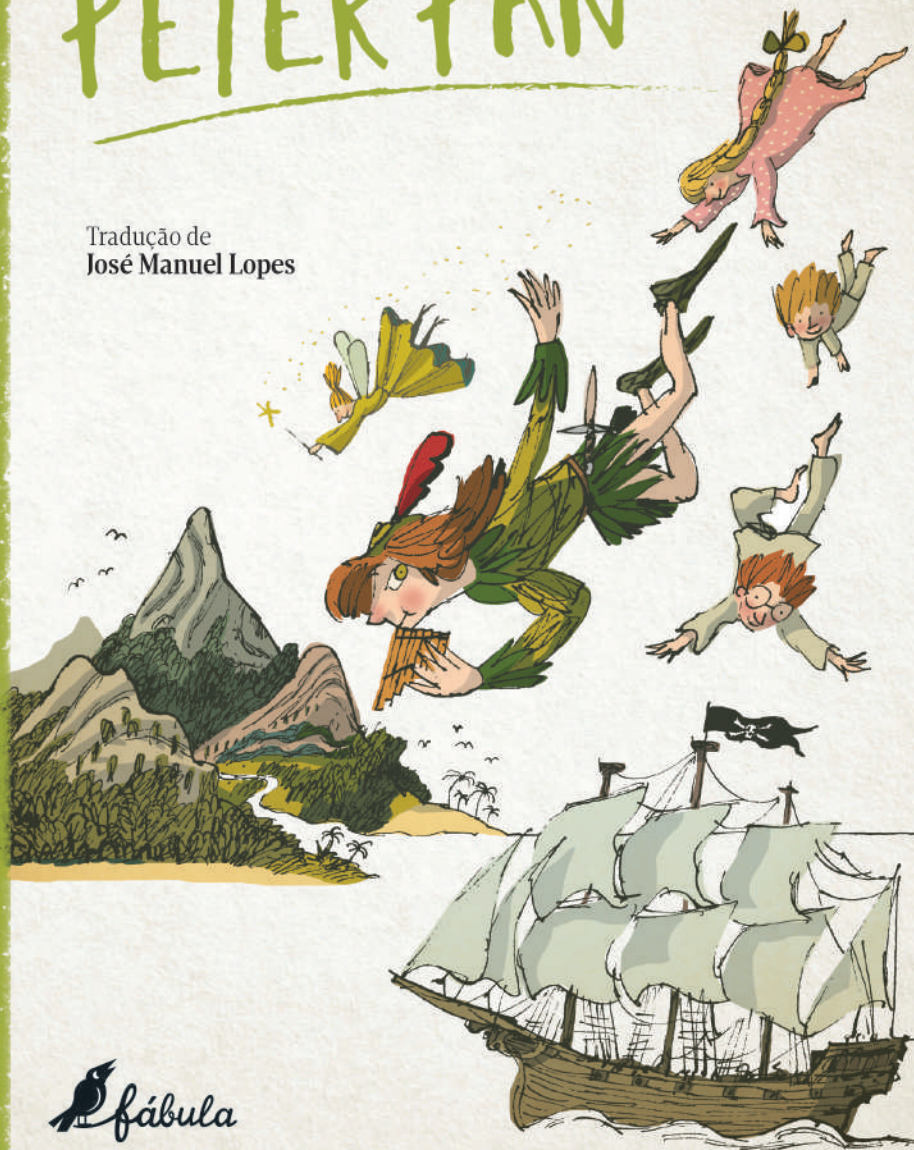


J. M. BARRIE

OBRA DE REFERÊNCIA
Leitura
recomendada
5.º ano

PETER PAN

Tradução de
José Manuel Lopes



Índice

Prefácio

– 9 –

I

O Peter escapa-se e aparece pela primeira vez

– 13 –

II

A sombra

– 25 –

III

Venham. Venham comigo!

– 38 –

IV

O voo

– 57 –

V

A ilha de verdade

- 70 -

VI

A casinha

- 85 -

VII

A casa por debaixo do chão

- 98 -

VIII

A Lagoa das Sereias

- 107 -

IX

A ave do Nunca

- 125 -

X

A casa feliz

- 130 -

XI

A história da Wendy

- 140 -

XII

As crianças são levadas

– 151 –

XIII

Acreditam em fadas?

– 158 –

XIV

O navio dos piratas

– 170 –

XV

Desta vez ou eu ou o Gancho

– 181 –

XVI

O regresso a casa

– 196 –

XVII

Quando a Wendy cresceu

– 208 –

Prefácio

«**T**odas as crianças crescem, exceto uma.» O início inconfundível de *Peter Pan* apresenta-nos a um rapaz que não queria crescer nem sabia estar sozinho. Que recusava o mundo estruturado e cheio de regras dos adultos e, ao mesmo tempo, desejava uma mãe que lhe contasse contos de fadas antes de adormecer. Onde é que já ouvimos isto? Exatamente: é a história das nossas vidas, da nossa humana indecisão entre segurança e liberdade, entre apego e independência. Há quem diga que Sigmund Freud devia ter feito a psicanálise das personagens da Terra do Nunca, mas não vamos por aí.

Para quem só associe *Peter Pan* à versão em desenho animado de Walt Disney, ler o texto integral de J. M. Barrie será uma surpresa, especialmente para os adultos. Espantar-se-ão com a profundidade psicológica das personagens e com um lado negro que Walt Disney preferiu não mostrar. No livro, o Capitão Gancho não

é apenas o vilão da história, mas um homem melancólico, capaz de suscitar alguma compaixão. Peter Pan, alegre e corajoso, é também um narcisista, que tanto ensina as crianças a voar como também lhes provoca grandes tombos na realidade. Wendy, adulta antes do tempo, perita nas artes da costura e da cozinha, personifica a revolta das feministas. E quanto ao casal Darling, cujos filhos voam para a Terra do Nunca... Bem, o que pensar de um pai que dorme na casota do cão? Interpretações psicanalíticas à parte, lembremos que este clássico é um caso sério de humor e ironia em plena época vitoriana, só com paralelo em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

Recorde-se que *Peter Pan* começou por ser uma peça de teatro, estreada em 1904 com enorme sucesso, conhecendo várias versões escritas até chegar ao romance completo, publicado em 1911. De facto, ao lermos o livro, colocamo-nos perante um espantoso cenário onde tudo se completa e interage, como numa encenação teatral passada ao ar livre. A Terra do Nunca representa a fantasia de qualquer criança, agora como há 100 anos. Numa ilha imaginária, J. M. Barrie conseguiu juntar uma tribo de índios, um navio de piratas, fadas e sereias, animais selvagens e crianças vestidas com peles de urso, três irmãos muito diferentes entre si, e ainda um herói que tem o dom de voar e se recusa a crescer. Uma utopia, sem dúvida; que chegará ao seu final, como todas as utopias, mas não sem nos deixar a possibilidade do eterno retorno a esse «nunca mais» da infância.

Ler ou reler *Peter Pan*, hoje, é evocar um direito fundamental das crianças, essencial ao seu desenvolvimento emocional, cognitivo e relacional: o direito de brincar. Mas brincar livremente, de

forma espontânea e sem a orientação dos adultos. Preenchido por múltiplas atividades escolares e extraescolares, por jogos repetitivos em frente a um ecrã, por demasiadas horas passadas em espaços fechados, o tempo livre das crianças também já nos surge como uma espécie de utopia. Se o leitor quer uma expressão realmente contraditória, reflita nesta: «ocupação de tempos livres». A questão é evidente: se o tempo é livre, para quê ocupá-lo?

Peter Pan, obra que celebrizou o escocês James Matthew Barrie (1860-1937), faz parte da mesma família literária em que se encontram a Terra Média de J. R. R. Tolkien, o Mundo de Oz de L. Frank Baum, a Nárnia de C. S. Lewis ou, como já dissemos, o País das Maravilhas de Lewis Carroll. São lugares imaginados até ao pormenor e dotados de vida própria; lugares que, pela sua riqueza simbólica, se tornam absolutamente reais na cabeça do leitor. Representam uma possibilidade de evasão, um jogo interminável, uma aventura com a sua dose de risco. Quem acha que *Peter Pan* é uma brincadeira de crianças, sabe apenas uma pequena parte da história.

Carla Maia de Almeida

O Peter escapa-se e aparece pela primeira vez

Todas as crianças crescem, exceto uma. Depressa descobrem que irão tornar-se pessoas crescidas, e eis o modo como a Wendy veio a sabê-lo. Um dia, quando tinha dois anos, estava a brincar num jardim, arrancou mais uma flor e foi a correr para a dar à mãe. Suponho que esta tenha ficado muito extasiada nessa altura, pois a Sra. Darling pôs uma mão no peito e observou:

— Oh, por que razão não podes tu ficar assim para sempre!

Foram apenas estas as palavras que trocaram entre elas acerca desse assunto, mas, desde então, a Wendy ficou a saber que teria de crescer. Toda a gente o sabe, depois dos dois anos de idade. Os dois anos são o princípio do fim.

É claro que viviam no 14 (o número da casa na rua onde moravam) e, até a Wendy ter nascido, a mãe dela era aí a pessoa mais importante. Tratava-se de uma senhora adorável, com um modo

romântico de pensar e uma boca docemente trocista. Esse seu modo de pensar era como as caixinhas, umas dentro de outras, que vêm do misterioso Oriente: por mais que se descubram, há sempre mais outra. E a sua boca docemente trocista tinha nela um beijo que a Wendy nunca poderia receber, embora este ali estivesse, perfeitamente distinto, ao canto dos lábios, no lado direito.

A maneira como o Sr. Darling a conquistou foi a seguinte: os muitos homens que tinham sido meninos, quando ela era ainda pequena, tinham descoberto, todos ao mesmo tempo, que a adoravam, e corriam todos para sua casa para se declararem, exceto o Sr. Darling, que apanhou um táxi e chegou lá primeiro e obteve a sua mão. Obteve-a por completo, à exceção da caixa mais oculta e do beijo. Ele nunca veio a saber nada acerca da caixinha e, com o passar do tempo, acabou por desistir do beijo. A Wendy pensou que talvez o Napoleon pudesse ter ficado com a caixa, mas eu consigo visualizá-lo a tentar, e depois a sair muito abespinhado, batendo com a porta.

O Sr. Darling costumava dizer à Wendy, como se se estivesse a gabar, que a mãe dela não só o amava, como também tinha por ele um grande respeito. Ele era uma daquelas pessoas profundas que estavam muito familiarizadas com ações e obrigações. É claro que ninguém sabia, mas ele parecia estar muito bem informado e afirmava, frequentemente, que as ações tinham subido e as obrigações descido, de um modo capaz de infundir respeito em qualquer mulher.

A Sra. Darling casou-se de branco e, a princípio, mantinha impecáveis os livros de contas, quase com um certo entusiasmo, como se se tratasse de um jogo. Nem sequer lhe escapava uma única

couve-de-bruxelas, mas, com o passar dos tempos, couves-flor inteiras começaram a desaparecer e, em vez destas, havia imagens de bebês sem rosto. Ela desenhava-as, quando deveria estar a fazer contas. Tratava-se das previsões da Sra. Darling.

A Wendy nasceu primeiro, depois o John e mais tarde o Michael.

Durante uma semana ou duas, após o nascimento da Wendy, chegou a duvidar-se de que eles pudessem tratar dela, dado que era outra boca para alimentar. O Sr. Darling estava tremendamente orgulhoso dela, mas era uma pessoa com uma reputação a manter, e sentou-se à beira da cama da Sra. Darling, segurando-lhe na mão e calculando as despesas, enquanto ela olhava para ele como se lhe estivesse a implorar qualquer coisa. Ela queria arriscar, viesse o que viesse, mas esse não era o estilo dele; o estilo dele era com um lápis e uma folha de papel e, se ela o distraísse com quaisquer sugestões, ele tinha de começar novamente desde o princípio.

— Não me interrompas agora — pedia-lhe ele, encarecidamente.

— Tenho aqui uma libra e dezassete xelins, e duas libras e seis no escritório. Posso prescindir do café no escritório, digamos que são apenas dez xelins, o que perfaz duas libras, nove xelins e seis dinheiros, com os teus dezoito xelins e três dinheiros, faz três libras nove xelins e sete dinheiros, com cinco libras insignificantes que tenho no livro de cheques, faz oito libras, nove xelins e sete (que é aquilo a mexer-se?) oito nove e sete, ponto e vão sete (não digas nada, querida), e a libra que tu emprestaste ao homem que veio à porta... (está calada, meu amor), ponto e vão... pronto, já estragaste tudo! Estava a dizer nove libras, nove xelins e sete? Sim, foi isso mesmo que eu disse, será que poderemos tentar viver, por um ano, com nove libras, nove xelins e sete dinheiros?

— É claro que podemos, George — disse ela, em voz alta. Mas estava a ver as coisas de modo a poder beneficiar a Wendy e ele era, de facto, aquele que, de entre os dois, tinha mais nobreza de carácter.

— Lembra-te da papeira — avisou-a ele, de um modo quase ameaçador, e retomou logo as suas contas. — Papeira, uma libra, foi isso que assentei, mas tenho a impressão que rondará mais os trinta xelins (não digas nada); sarampo um e cinco; rubéola meio guinéu, o que perfaz duas libras, quinze e seis (não mexas o dedo); tosse convulsa, digamos que quinze xelins. — E assim ia ele continuando, se bem que a soma fosse sempre diferente. Mas, por fim, a Wendy safou-se, com a papeira reduzida para doze e seis e os dois tipos de sarampo tratados com se fossem a mesma doença.

Houve a mesma excitação quando o John nasceu, e as coisas para o Michael estavam ainda mais complicadas, mas ambos ficaram com a família e, em breve, podê-los-íamos ver aos três, a caminharem em fila, dirigindo-se para o Jardim de Infância da menina Fulsom, acompanhados pela ama. A Sra. Darling gostava de manter as coisas desse modo, e o Sr. Darling estava determinado a ser exatamente como os seus vizinhos. Sendo, é claro, que tinham contratado uma ama. Como eram pobres, devido à quantidade de leite que as crianças bebiam, essa ama era uma empertigada cadela *terra-nova*, chamada *Nana*, que não tinha pertencido a ninguém em particular até os Darling a terem encontrado. Contudo, ela sempre pensara que as crianças eram importantes e os Darling conheceram-na nos Kensington Gardens, onde passava grande parte do tempo a espreitar para os carrinhos de bebé e era odiada pelas criadas demasiado distraídas, pois seguia-as até casa e queixava-se delas

às patroas. Provou ser uma ama bastante dedicada. Como ela era ótima na altura dos banhos, sem se importar de se levantar a qualquer altura da noite, ao mais pequeno choro dos que estavam a seu cargo... É claro que a casota dela ficava no quarto das crianças. Ela tinha muito jeito para saber quando uma tosse era uma coisa perante a qual não deveríamos ter mais paciência, ou quando era necessária uma ligadura de lã em volta da garganta. Ela sempre acreditara em mezinhas antigas, tal como folhas de ruibarbo, e fazia sons de desprezo acerca das conversas, muito na moda, sobre germes e coisas afins. Era uma lição de boas maneiras vê-la a acompanhar as crianças até à escola, tranquilamente ao lado delas sempre que se portavam bem, e a pô-las na linha, sempre que se desviavam do comportamento apropriado. Nos dias em que o John ia jogar futebol, nunca se esquecia da camisola dele e, geralmente, levava um chapéu de chuva na boca, caso viesse a chover. Há uma sala, na cave da escola da menina Fulsom, onde as amas esperam. Sentavam-se num banco corrido, enquanto a *Nana* se deitava no chão, mas essa era a única diferença. Fingiam ignorá-la, como se ela pertencesse a um estatuto social inferior, e ela odiava as suas conversas balofas. Não gostava nada que as amigas da Sra. Darling viessem visitar o quarto das crianças, mas, caso chegassem de surpresa, limpava muito bem o bibe do Michael, e vestia-lhe o que tinha as risquinhas azuis, alisava a roupa da Wendy e penteava o John num instante.

Nenhum quarto de crianças poderia estar mais bem organizado e o Sr. Darling sabia-o; contudo, pensava por vezes, com um certo embaraço, se não haveria rumores por parte dos vizinhos.

Ela tinha de considerar a sua posição na cidade.

A *Nana* também o incomodava de outra maneira. Por vezes, sentia que ela não o admirava.

— Sei que ela te admira imenso, George — assegurava-lhe a Sra. Darling, e depois dizia às crianças para serem excepcionalmente simpáticas com o pai. Seguiam-se então belas danças em que permitiam, às vezes, que a outra e única criada, a Liza, participasse. Esta parecia uma anã com as suas saias compridas e a touca com um folho, embora tivesse jurado, logo que ficou noiva, que nunca mais iria ter dez anos. Oh, a alegria dessas crianças brincalho-nas! A mais alegre de todas era a Sra. Darling, que fazia piruetas tão arrojadas que tudo o que dela poderíamos ver era o beijo; se nessa altura tivessem corrido para ela talvez vo-lo tivesse dado. Nunca houve uma família mais simples e mais feliz até à chegada de Peter Pan.

A Sra. Darling ouviu falar do Peter, pela primeira vez, quando estava a arrumar as ideias dos seus filhos. É um hábito noturno de todas as boas mães, depois dos filhos adormecerem, esquadrinhar as suas mentes para colocarem as coisas no lugar para a manhã seguinte, voltando a arrumar, nos lugares devidos, os muitos artigos que se desarrumaram durante o dia. Se vocês se pudessem manter acordados (mas é claro que não conseguem) veriam a vossa mãe a fazer isso e iriam achar muito interessante observá-la. É um pouco como arrumar gavetas. Podê-la-iam ver de joelhos, segundo penso, comicamente debruçada sobre alguns dos conteúdos, tentando imaginar onde teriam arranjado determinada coisa, fazendo descobertas agradáveis e inoportunas, pondo-as junto ao rosto, como se estas fossem um belo gatinho, e colocando-as à pressa fora do alcance da vista. Quando acordam de manhã, os desejos maus

e travessos com que foram para a cama, já foram dobrados até ficarem pequenos e colocados no fundo da vossa mente, enquanto no cimo, muito bem arejados, foram colocados os pensamentos mais bonitos, já prontos para que vocês os possam usar.

Não sei se alguma vez viram um mapa da mente de uma pessoa. Os médicos por vezes desenham alguns de outras partes do corpo, e o vosso próprio mapa pode ser extremamente interessante. Mas não lá vocês apanhá-los a fazer um mapa da mente de uma criança, algo que é não apenas confuso, mas anda sempre à roda. Existem aí linhas em ziguezague, tal como num gráfico da vossa temperatura, e essas são provavelmente estradas numa ilha. Pois a Terra do Nunca é sempre, mais ou menos, uma ilha, com admiráveis manchas de cor, aqui e ali, e recifes de coral e elegantes navios no mar alto, e selvagens e luras solitárias, e gnomos que são sobretudo alfaiates, e cavernas através das quais correm rios, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana já quase em ruínas, e uma velha muito pequenina com um nariz aquilino. Seria um mapa fácil se fosse só isso, mas também lá está o primeiro dia de escola, a religião, os pais, a lagoa redonda, os bordados, os assassínios, os enforcamentos, os verbos que pedem o dativo, o dia do pudim de chocolate, os aparelhos ortopédicos, diz trinta e três, três dinheiros se conseguires arrancar o teu dente, e assim por diante, e ou estas coisas fazem parte da ilha ou então formam outro mapa que se vê à transparência por baixo do primeiro, e é tudo muito confuso, especialmente porque nada está parado.

É claro que as Terras do Nunca variam muito. A do John, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos a sobrevoá-la, nos quais ele tentava acertar com uma espingarda, enquanto a do Michael,

que era ainda muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas a sobrevoá-lo. O John vivia num barco colocado de pernas para o ar na areia, o Michael numa tenda coberta de peles, a Wendy numa casa de folhas muito bem cosidas umas às outras. O John não tinha amigos, o Michael só os tinha à noite, a Wendy tinha, como animal de estimação, um lobo que tinha sido abandonado pelos pais; porém, no seu conjunto, as Terras do Nunca assemelham-se bastante e, se elas pudessem ficar quietas e em fila, poderiam dizer que têm narizes iguais e assim por diante. Nessas praias mágicas, as crianças que brincam estão sempre a trazer para terra os seus pequenos barcos. Nós também já lá estivemos, ainda conseguimos ouvir as ondas a rebentarem, embora já não consigamos chegar a terra.

De todas as ilhas deleitáveis, a da Terra do Nunca é a mais confortável e a mais compacta. Não sei se estão a ver, mas não é uma ilha grande nem muito ampla, com distâncias entediadas entre aventuras, mas antes um espaço cheio de belas coisas. Quando vocês brincam a isso durante o dia, com as cadeiras e a toalha de mesa, não é nada assustadora, mas, nos dois minutos antes de adormecerem, torna-se demasiado real. É por isso que não tem luzes de presença.

Por vezes, nas suas viagens através das mentes dos seus filhos, a Sra. Darling encontrava coisas que não conseguia perceber e, entre estas, a mais intrigante era a palavra «Peter». Ela não conhecia ninguém com este nome, e, no entanto, ele parecia estar aqui e ali, nas mentes do John e do Michael, enquanto a Wendy parecia estar toda escrita com o nome dele. Essa palavra destacava-se em letras mais gordas do que qualquer outra, e, à medida que

a Sra. Darling olhava para ela, parecia-lhe que tinha uma aparência estranhamente arrogante.

— Sim, ele é muito arrogante — admitiu a Wendy, cheia de pena. A mãe estivera a fazer-lhe perguntas.

— Mas quem é ele, minha querida?

— É o Peter Pan, como sabe, mãe.

A princípio, a Sra. Darling não sabia, mas, ao recordar-se da sua infância, acabou por se lembrar de um Peter Pan que se dizia viver com as fadas. Contavam-se estranhas histórias acerca dele, que quando as crianças morriam ele as acompanhava durante parte do percurso, para que elas não sentissem medo. Algumas vezes, ela acreditara nele, mas agora, que estava casada e tinha bastante juízo, já começava a duvidar que essa pessoa existisse realmente.

— Para mais — disse ela à Wendy —, ele já seria agora uma pessoa crescida.

— Oh, não, ele não cresceu — assegurou-lhe a Wendy, confidencialmente. — Ele é do meu tamanho. — Ela queria dizer que ele era física e mentalmente do seu tamanho. Ela não tinha conhecimento de como tinha sabido disso, mas sabia.

A Sra. Darling consultou o Sr. Darling, mas este sorriu, cheio de desdém.

— Ouve bem o que te digo — disse ele —, trata-se de uma patranha que a *Nana* lhes tem andado a pôr na cabeça; esse tipo de ideia só poderia ter vindo de uma cadela. Se não ligares muito, acabarão por se esquecer disso.

Mas não se esqueceram e, em breve, esse rapaz endiabrado pregou um grande susto à Sra. Darling.

As crianças têm as mais estranhas aventuras sem que estas as incomodem. Por exemplo, podem lembrar-se de mencionar, uma semana após o acontecimento, que, quando estavam no bosque, viram o seu falecido pai e brincaram com ele. Foi deste modo casual que a Wendy, numa manhã, lhe fez uma revelação inquietante. Tinham encontrado algumas folhas de árvore no chão do quarto das crianças que, decerto, não estavam ali quando as crianças se tinham ido deitar. A Sra. Darling estava muito intrigada com esse facto, quando a Wendy disse, com um sorriso tolerante:

— Acho que é esse Peter outra vez!

— Que queres tu dizer, Wendy?

— Ele é tão malandroco quando não limpa os pés — disse a menina com um suspiro. Ela era muito limpa e arrumada.

Ela explicou, com a maior naturalidade do mundo, que pensava que o Peter vinha por vezes ao quarto deles, durante a noite, se sentava aos pés da cama dela e tocava a sua flauta de Pã. Infelizmente, ela nunca conseguia acordar, de modo que não sabia como tivera conhecimento disso, apenas sabia.

— Que disparates estás tu a dizer, minha linda. Ninguém consegue entrar na nossa casa sem bater à porta.

— Eu acho que ele entra pela janela — disse ela.

— Mas, meu amor, é um segundo andar.

— Mas, mãe, não estavam as folhas mesmo ao pé da janela?

Era verdade, as folhas tinham sido encontradas ao pé da janela.

A Sra. Darling já não sabia em que pensar, pois tudo parecia tão natural para a Wendy, que lhe era quase impossível rebater essas afirmações, dizendo que ela estivera a sonhar.

— Minha filha — perguntou a mãe, muito exaltada —, porque é que não me contaste isso antes?

— Esqueci-me — disse a Wendy, de passagem. Estava cheia de pressa para ir tomar o pequeno-almoço.

Com certeza, ela deveria ter estado a sonhar.

Mas, por outro lado, havia as folhas. A Sra. Darling examinou-as minuciosamente. Eram nervuras de folhas e ela estava segura de que não provinham de nenhuma árvore que crescesse em Inglaterra. Gatinhou pelo chão, com uma vela, à procura das pegadas de um estranho pé. Meteu o atiçador pela chaminé do fogão de sala, fazendo-o rodar, e chegou mesmo a dar pancadinhas nas paredes. Desenrolou uma fita métrica desde o parapeito da janela até ao chão. Tratava-se de uma altura de dez metros, sem qualquer reentrância por onde se pudesse trepar.

Não havia dúvida de que a Wendy deveria ter estado a sonhar.

Mas a Wendy não tinha estado a sonhar, como se veio a demonstrar na noite seguinte, naquela em que se poderia dizer que tinham começado as extraordinárias aventuras destas crianças.

Na noite de que falamos, mais uma vez as crianças estavam já na cama. Era a noite em que a *Nana* estava de folga, e a Sra. Darling tinha-lhes dado banho e cantado para eles, até que, um por um, eles largaram-lhe a mão, antes de terem deslizado para a terra do sono.

Estavam todos tão bem instalados e aconchegados que ela sorriu quando pensou em todos os seus medos. Depois, sentou-se tranquilamente junto à lareira, a coser.

Era uma coisa para o Michael, que iria começar a usar camisas quando fizesse anos. O fogo estava quente, no entanto, e o quarto

das crianças fracamente iluminado pelas três luzes de presença. Agora, a Sra. Darling tinha a costura no colo. Depois, cabeceou, com uma certa elegância, e adormeceu. Olhem para os quatro, a Wendy e o Michael ali, o John aqui, e a Sra. Darling junto à lareira. Deveria ter existido uma quarta luz de presença.

Enquanto ela dormia teve um sonho. Sonhou que a Terra do Nunca se aproximava demasiado e que um estranho rapazinho, que se escapara de lá, tinha aparecido. Ele não a assustou, pois ela pensou tê-lo já visto no rosto de muitas mulheres que não tinham filhos. Talvez também o pudéssemos descobrir nos rostos de certas mães. Mas, no sonho dela, ele rasgara o véu que ocultava a Terra do Nunca, e ela pôde ver a Wendy, o John e o Michael a espreitarem pela abertura.

O sonho, por si só, teria sido uma trivialidade, mas enquanto ela dormia, a janela do quarto das crianças abriu-se de par em par e um rapazinho saltou mesmo para o chão. Acompanhava-o uma estranha luz, que não seria maior do que um punho cerrado, que circulava pelo quarto como uma coisa viva. Creio que teria sido essa luz que acordou a Sra. Darling.

Ela começou por dar um grito e viu o rapaz, e por qualquer razão soube logo que ele era o Peter Pan. Se eu, ou vocês ou a Wendy lá tivéssemos estado, teríamos visto que ele era muito semelhante ao beijo da Sra. Darling. Era um rapazinho encantador, vestido com nervuras de folhas e coberto pela seiva que escorre das árvores, mas a coisa mais intrigante acerca dele é que ainda tinha os dentes de leite. Quando ele reparou que ela era uma adulta, rangeu essas pequenas pérolas.

II

A sombra

ASra. Darling gritou e, como se alguém tivesse respondido ao toque da campainha, a porta abriu-se, e a *Nana* entrou, regressando do seu passeio noturno. Rosnou e correu para o rapaz, que deu um ligeiro salto pela janela. Mais uma vez, a Sra. Darling voltou a gritar, desta vez muito preocupada, pois pensava que ele tivesse morrido. Correu para a rua, para procurar o seu pequeno corpo, mas este já lá não estava. Ela olhou para cima e, na noite escura, não conseguiu ver mais nada senão o que pensou ser uma estrela cadente.

Voltou ao quarto das crianças e viu a *Nana* com algo na boca, que se veio a descobrir ser a sombra do rapaz. Quando este saltara pela janela, a cadela perseguira-o muito rapidamente. Fora já tarde de mais para o apanhar, mas a sombra dele não teve tempo de sair. A janela fechou-se de repente, separando-o abruptamente da sua sombra.

Podem ter a certeza de que a Sra. Darling examinou a sombra cuidadosamente, mas esta era bastante vulgar.

A *Nana* não tinha dúvidas acerca do que se deveria fazer com aquela sombra, de modo que a pendurou à janela, querendo com isso dizer: «Com certeza, ele irá voltar para a vir buscar. Ponhamo-la num sítio onde ele a possa alcançar sem grande dificuldade, e sem incomodar as crianças.»

Mas, infelizmente, a Sra. Darling não a poderia deixar pendurada à janela, parecia-se tanto com roupa a secar, que dava à habitação deles um certo mau tom. Ainda pensou mostrá-la ao Sr. Darling, mas este estava a somar as despesas relacionadas com os sobretudos de inverno para o John e para o Michael, com uma toalha humedecida em volta da cabeça, e seria uma pena ter de o incomodar. Além disso, ela sabia exatamente o que ele iria dizer: «É o que dá ter uma cadela como ama.»

Ela decidiu então enrolar a sombra e arrumá-la, com muito cuidado, numa gaveta, até se proporcionar uma oportunidade de contar o que se passara ao marido.

— Oh, estas coisas só me acontecem a mim!

Tal oportunidade surgiu uma semana mais tarde, nessa sexta-feira-que-jamais-poderia-ser-esquecida. É claro que se tratava de uma sexta-feira.

— Eu deveria ter tido muito cuidado, especialmente a uma sexta-feira — costumava ela dizer depois ao marido, enquanto a *Nana* talvez estivesse junto dela, no lado oposto ao do Sr. Darling, a segurá-lhe na mão.

— Não, não — continuou a dizer o Sr. Darling. — Eu é que sou o responsável por tudo. Fui eu, George Darling, quem tomou

essa decisão. *Mea culpa, mea culpa*. — Ele tivera uma educação clássica.

Sentaram-se ambos assim, noite após noite, recordando aquela fatal sexta-feira, até cada pormenor estar bem vincado nos seus cérebros e ter saído pelo outro lado das suas cabeças, como efígies numa má cunhagem de moedas.

— Se eu não tivesse aceitado esse convite para jantar no n.º 27... — lamentava a Sra. Darling.

— Se ao menos não tivesse posto o meu remédio na tigela da *Nana* — dizia o Sr. Darling.

— Se ao menos tivesse fingido gostar do remédio — era o que diziam os olhos húmidos da *Nana*.

— Este meu gosto pelas festas, George...

— Este meu dom para o humor, minha querida.

— A facilidade com que me incomodo com as mais pequenas coisas, caros dono e dona.

Então um, ou mais do que um deles, descontrolava-se completamente. A *Nana* sobretudo, ao pensar:

— É verdade, é verdade, eles não deveriam ter uma cadela como ama. — Muitas vezes o Sr. Darling quem limpava com um lenço as lágrimas da cadela.

— Aquele malvado! — gritava o Sr. Darling, e o ladrar da *Nana* ecoava essa expressão, mas a Sra. Darling nunca iria denegrir o Peter, havia qualquer coisa no canto direito da sua boca que não lhe permitia chamar nomes ao rapazinho.

Sentavam-se ali, no quarto vazio das crianças, recordando com ternura todos os mais ínfimos pormenores desse horrível serão. Tudo começara muito normalmente, como em milhentos outros

serões, com a *Nana* a aquecer a água para o banho do Michael e a levá-lo no dorso para a banheira.

— Não quero ir para a cama — gritava ele, como se ainda acreditasse que a última palavra seria sua. — Não vou, não vou. *Nana*, ainda não são seis horas. Meu Deus, nunca mais hei de gostar de ti, *Nana*. Já te disse que não quero tomar banho, não quero, não quero!

Nessa altura, a Sra. Darling já entrara no quarto, com o seu vestido de noite branco. Ela arranjara-se muito cedo porque a Wendy adorava vê-la assim vestida, com o colar que o George lhe oferecera. Usava a pulseira da Wendy; tinha-lha pedido emprestada. A Wendy adorava emprestar essa pulseira à mãe.

Ela encontrara os seus dois filhos mais velhos a brincarem aos pais e filhos, simulando o nascimento da Wendy, e o John estava a dizer:

— Tenho a honra de a informar, Sra. Darling, de que já é mãe — com um tom que o próprio Sr. Darling teria usado numa situação verídica.

A Wendy dançara cheia de alegria, tal como a verdadeira Sra. Darling deve ter feito.

Depois, era o nascimento do John, com toda a pompa adicional que ele concebera, dado que se tratava do nascimento de um rapaz. O Michael regressou do banho também a pedir para nascer, mas o John disse-lhe, com modos bruscos, que já não queriam brincar mais.

Michael quase desatara a chorar.

— Ninguém me quer — dissera ele, e é claro que a senhora em vestido de noite não o pôde suportar.

— Eu quero — disse-lhe ela. — Quero tanto ter um terceiro filho.

— Um rapaz ou uma rapariga? — perguntou o Michael, não muito esperançoso.

— Um rapaz.

Em seguida, ele atirou-se para os braços dela. Uma coisa tão sem importância para o Sr. e a Sra. Darling e a *Nana* recordarem agora, mas não tão insignificante por se tratar da última noite que o Michael passaria no quarto das crianças.

Continuaram, desse modo, com as suas recordações.

— Foi então que eu entrei a correr como um pequeno tornado, não foi? — perguntaria o Sr. Darling, censurando-se; e, de facto, ele tinha entrado como um tornado.

Talvez ele tivesse uma desculpa. Também se tinha estado a arranjar para ir à festa e tudo se tinha passado muito bem até ele ter tentado pôr a gravata. É inacreditável ter de contar isto, mas este homem, embora soubesse acerca de ações e obrigações, nem sempre era capaz de fazer um nó de gravata. Por vezes, saía-se muito bem, mas havia outras ocasiões em que teria sido melhor para a família se ele tivesse renunciado ao seu orgulho e usado uma gravata com um nó já feito.

Isto aconteceu certa ocasião. Ele entrou precipitadamente no quarto das crianças com a indomável da gravata amarrotada na mão.

— Então que se passa, querido pai?

— O que se passa?! — gritou ele, praticamente aos berros. — Não consigo fazer o nó a esta gravata. — Tornou-se então extremamente sarcástico. — Pelo menos não em volta do meu pescoço!

Em volta da coluna da armação da cama? Sem dúvida, já consegui vinte vezes fazer o nó da gravata em volta dessa coluna, mas à volta do pescoço, não! Não, minha querida, já não aguento mais isto!

Ele pensou que a Sra. Darling não estava suficientemente impressionada e continuou com o seu arrazoado:

— Estou a avisar-te, mãe, se não me conseguires fazer o nó da gravata, não iremos jantar fora esta noite, e se não formos jantar fora esta noite, nunca mais irei ao escritório, e se eu nunca mais for ao escritório, iremos todos passar fome, e os nossos filhos irão acabar pelas ruas.

Apesar de tudo isto, a Sra. Darling estava calma.

— Deixa-me tentar, querido — disse ela. De facto, era mesmo isso que ele queria, e, com as suas finas mãos calmas, ela fez-lhe o nó da gravata, enquanto as crianças os rodeavam para saberem qual iria ser o seu destino. Alguns homens teriam ficado aborrecidos por ela o ter feito com tanta facilidade, mas o Sr. Darling tinha muito bom feitio para tal atitude e agradeceu-lhe, de um modo desprendido, esquecendo imediatamente a sua raiva. No momento seguinte, já estava a dançar em volta do quarto com o Michael às cavalitas.

— Como nós nos divertimos tão despreocupadamente! — exclama agora a Sra. Darling, ao lembrar-se do sucedido.

— O nosso último divertimento! — observou o Sr. Darling, com uma voz rouca.

— Ó George, lembras-te do Michael me ter perguntado: «Como é que me conheceste, mãe?»

— Sim, lembro-me.

— Eles são muito queridos, não achas, George?

— E eram nossos, nossos! E agora desapareceram!

Esse divertimento terminara quando a *Nana* entrou no quarto e quando, infelizmente, o Sr. Darling esbarrou contra ela, enchendo as calças de pelo. Não só eram umas calças novas, mas eram as primeiras calças com galões que ele tivera, e ele viu-se obrigado a morder o lábio para evitar que as lágrimas lhe viessem aos olhos. É óbvio que a Sra. Darling lhas escovou, mas ele começou a falar novamente acerca do problema de terem uma cadela como ama.

— George, a *Nana* é um tesouro.

— Sem dúvida, mas às vezes tenho a impressão desagradável de que ela vê as crianças como se fossem cachorros.

— Oh, não, meu querido, tenho a certeza de que ela sabe que eles têm alma.

— Não sei — disse ele, muito pensativo. — Não sei...

A sua mulher sentiu então que seria uma boa oportunidade para lhe falar do rapazinho. A princípio, ele desdenhou da história, mas ficou outra vez muito pensativo quando ela lhe mostrou a sombra.

— Não se trata de ninguém que eu conheça — disse ele, examinando-a cuidadosamente. — Mas parece-me ser a sombra de um grande patife.

— Ainda estávamos a discutir esse assunto, lembra-te? — recordou o Sr. Darling —, quando a *Nana* entrou com o remédio do Michael. Nunca mais hás de transportar esse frasco na boca, *Nana*, a culpa foi toda minha.

Embora ele fosse um homem forte, não há dúvida de que se comportara levianamente no que dizia respeito ao remédio. Se ele tinha uma fraqueza, era apenas por pensar que, durante toda a sua

vida, sempre tomara os remédios de boa vontade. De modo que, quando o Michael se desviou da colher que a *Nana* tinha na boca, ele disse-lhe, com um tom de desaprovação:

— Porta-te como um homem, Michael!

— Não me porto nada! — disse o Michael, com um tom de desafio. A Sra. Darling saiu do quarto para lhe ir buscar um chocolate e o Sr. Darling achou que isso revelava falta de firmeza.

— Não o estragues com mimos, mãe — criticou ele. — Olha, Michael, quando tinha a tua idade, tomava remédios sem pestanejar. Dizia: «Obrigado, queridos pais, por me darem frascos para eu me curar.»

Ele pensava que aquilo era mesmo verdade, e a Wendy, que já tinha vestido a camisa de noite, também acreditava, dirigindo-se ao Michael, para o encorajar:

— Pai, aquele remédio que toma às vezes é muito pior, não é?

— Olha que é bem pior! — exclamou o Sr. Darling, com uma certa fanfarronice. — Irias ver mesmo como é, Michael, se eu não tivesse perdido o frasco.

Ele não o tinha realmente perdido. Tinha-o simplesmente colocado, pela calada da noite, em cima do guarda-fatos, para o esconder aí. O que ele não sabia era que a dedicada Liza o encontrara e o tinha voltado a pôr junto ao lavatório.

— Eu sei onde é que ele está, pai — gritou a Wendy, sempre contente por poder ajudar. — Vou buscá-lo. — E saiu antes que ele a pudesse impedir. De repente, ficou estranhamente muito deprimido.

— John — disse ele, quase a tremer —, olha que é mesmo um remédio terrível. É daqueles que têm mau gosto e são muito adocicados e peganhentos.

— Mas o pai irá tomá-lo num abrir e fechar de olhos — disse o John, muito contente, e em seguida a Wendy entrou com o remédio num copo.

— Fui tão rápida quanto possível — observou ela, ofegante.

— Foste mesmo muito rápida — retorquiu o pai, com uma delicadeza vingativa, mal disfarçando uma certa brusquidão na voz. — O Michael que tome o dele primeiro — disse o pai, teimosamente.

— Não, primeiro o pai — disse o Michael, que tinha tendência para ser desconfiado.

— Olha que posso ficar doente — disse o Sr. Darling, com uma expressão ameaçadora.

— Vamos lá, pai — disse o John.

— Está calado! — disse-lhe o pai, de chofre.

A Wendy estava muito intrigada.

— Pensei que o tomasse sem qualquer dificuldade, pai.

— Não é essa a questão — disse ele muito irritado. — A questão é que há muito mais remédio no meu copo do que na colher do Michael. — O seu coração orgulhoso estava quase a rebentar. — E não é justo: hei de dizê-lo, ainda que seja a última coisa que saia da minha boca, não é justo.

— Pai, estou à espera — disse o Michael, com frieza.

— Podes esperar à vontade. Eu também estou à espera.

— O pai é um medricas!

— Tu é que és um medricas!

— Não tenho medo nenhum.

— Eu também não.

— Então tome o remédio.

— Então toma tu.

A Wendy teve uma ideia esplêndida.

— Porque é que não o tomam os dois ao mesmo tempo?

— Pois bem — disse o Sr. Darling. — Estás pronto, Michael?

A Wendy começou a contar: um, dois, três, e o Michael tomou o remédio, mas o Sr. Darling escondeu o dele atrás das costas.

Ouviu-se o grito de raiva do Michael, e um:

— Ó, pai! — por parte da Wendy.

— Que queres tu dizer com essa de «Ó, pai!» — perguntou o Sr. Darling. — Para com isso, Michael. Eu queria tomar o meu, mas não consegui levá-lo à boca.

Era horrível a maneira como os três olhavam para ele, como se já não o admirassem.

— Ouçam-me bem — disse ele, com um tom suplicante, logo que a *Nana* foi até à casa de banho. — Acabei de pensar numa excelente partida. Vou pôr o meu remédio na tigela da *Nana* e ela irá bebê-lo, pensando que é leite.

O remédio tinha o aspeto do leite, mas as crianças não tinham o sentido de humor do pai, e olharam para ele, com um ar de reprovação, enquanto ele vertia o remédio na tigela da *Nana*.

— É capaz de ser engraçado! — disse ele, embora com algumas dúvidas. Eles não se atreveram a desmascará-lo, quando a Sra. Darling e a *Nana* regressaram.

— *Nana*, linda cadelinha — disse ele, fazendo-lhe festas. — Pus um pouco de leite na tua tigela, *Nana*.

A cadela abanou a cauda, correu para o remédio e começou a bebê-lo. Depois olhou profundamente para o Sr. Darling, se bem que não estivesse zangada; mostrou-lhe apenas a grande lágrima

escaldante que nos faz ter pena dos cães fiéis, e arrastou-se até à sua casota.

O Sr. Darling sentiu-se imensamente envergonhado, mas não admitiria a sua culpa. Num silêncio de cortar à faca, a Sra. Darling cheirou a tigela.

— Ó George — disse ela —, é o teu remédio!

— Foi apenas uma brincadeira — ripostou ele, com um vozeirão, enquanto ela tentava acalmar os rapazes e a Wendy abraçava a *Nana*. — De que é que me adianta — disse ele, com amargura — esforçar-me por ser engraçado nesta casa.

A Wendy ainda estava abraçada à *Nana*.

— Continua! — gritou ele. — Faz-lhe festas! A mim ninguém me faz festas! Oh, nem pensar! Eu sou apenas aquele que vos sustenta a todos, por que razão me iriam vocês fazer festas, digam-me lá?

— George — suplicou-lhe a Sra. Darling —, não fales tão alto senão as criadas ainda te ouvem. — De certo modo, tinha-se habituado a referir-se à Liza como «as criadas».

— Deixa-as ouvir! — disse ele, cheio de indiferença. — Até podem ir buscar toda a gente. Mas recuso-me a que essa cadela mande no quarto dos meus filhos nem que seja por mais uma hora.

As crianças começaram a chorar e a *Nana* correu para ele, para lhe implorar que mudasse de opinião. Porém, ele enxotou-a. Sentiu então que voltava a ser um homem forte.

— Nem penses, nem penses! — gritou ele. — O teu lugar é no quintal, e é aí mesmo que eu te vou já amarrar.

— George, George — murmurava a Sra. Darling —, lembras-te do que te contei acerca do rapazinho?

Mas ele, infelizmente, já não lhe dava ouvidos. Estava determinado a fazer-lhes ver quem é que mandava lá em casa, e quando as suas palavras de ordem não conseguiram fazer com que a cadela saísse da casota, tentou cativá-la com palavrinhas mansas e, agarrando-a desajeitadamente, arrastou-a para fora do quarto das crianças. Sentia-se muito envergonhado, mas não hesitou. Tudo se devia à sua natureza afetuosa e ao seu constante desejo de admiração. Quando a amarrou no quintal, o desventurado pai sentou-se na passagem empedrada, com os punhos cerrados sobre os olhos.

Entretanto, a Sra. Darling tinha deitado as crianças, tudo num silêncio indesejado, e acendera as suas luzes de presença. Eles podiam ouvir a *Nana* a ladrar e o John disse, a choramingar:

— É por ele a estar a amarrar a uma corrente, no quintal.

No entanto, a Wendy foi mais esperta.

— Aquilo não é o latido triste da *Nana* — observou ela, sem mesmo se dar conta do que estava prestes a acontecer. — É apenas o modo como ela ladra quando pressente perigo.

Perigo!

— Tens a certeza, Wendy?

— Tenho, sim.

A Sra. Darling estremeceu e foi até à janela. Esta estava muito bem fechada. Olhou para fora e viu a noite salpicada de estrelas. Era como se estas se estivessem a reunir em torno da casa, mas ela não se deu conta disso, nem do facto de que duas das estrelas mais pequenas lhe tinham piscado o olho. Todavia, um pânico inominável alojou-se no seu coração, e ela exclamou:

— Oh, como eu desejava não ter de ir a uma festa esta noite!

Até o Michael, que já estava quase a dormir, se apercebeu de que ela estava um pouco perturbada, e perguntou-lhe:

— Mãe, será que alguma coisa nos poderá fazer mal, depois das luzes de presença estarem acesas?

— Não, meu tesouro — disse ela. — Essas luzes são os olhos que uma mãe deixa para tomarem conta dos seus filhos.

Ela foi de cama em cama, cantando-lhes coisas de encantar, e o pequeno Michael abraçou-a.

— Mãe — disse ele —, gosto tanto de si. — Estas foram as últimas palavras que ela iria ouvir da boca dele, durante muito tempo.

O n.º 27 ficava apenas a alguns metros de distância, mas tinha nevado ligeiramente, e o pai e a mãe Darling tentaram encontrar um caminho mais limpo para não sujarem os sapatos. Eles eram agora as únicas pessoas na rua, e as estrelas estavam a observá-los. As estrelas são bonitas, mas podem não ter um papel ativo no que quer que seja, estão apenas condenadas a observarem-nos para sempre. É um castigo que lhes foi imposto devido a algo que elas fizeram, há muito tempo, e que já nenhuma delas sabe o que foi. De modo que as mais velhas ficaram com os olhos vidrados e raramente falam (o piscar de olhos é a linguagem das estrelas), mas as mais pequenas ainda o fazem. Não são grandes amigas do Peter, que tinha um modo travesso de se esconder atrás delas, tentando apagá-las. Mas são tão amigas da diversão que, nessa noite, estavam do lado dele, ansiosas para que as pessoas crescidas se fossem embora. Por isso, assim que a porta do n.º 27 se fechou por detrás do Sr. e da Sra. Darling, houve uma grande agitação no firmamento, e a mais pequena de todas as estrelas da Via Láctea gritou:

— Agora, Peter!

A maravilhosa história do rapaz que não queria crescer tornou-se um livro intemporal.

A aventura começa quando o Peter Pan e a fada Sininho entram pela janela do quarto dos irmãos Wendy, John e Michael Darling. Estes não hesitam quando aquele rapaz fascinante e alegre, vestido com folhas de árvore, os desafia a voarem com eles para a Terra do Nunca.

É então que a Wendy se torna a tão desejada mãe dos Meninos Perdidos, que os piratas vão lutar com os índios, e que o Peter Pan salva sereias e enfrenta o seu mais temível inimigo, o Capitão Gancho.

Nesta famosa obra, J. M. Barrie descreve com mestria a importância de sonhar e brincar, revelando na fantasia do mundo em que vive o Peter Pan valores como a amizade, a lealdade e a coragem.

«São lugares imaginados até ao pormenor e dotados de vida própria; lugares que, pela sua riqueza simbólica, se tornam absolutamente reais na cabeça do leitor. Representam uma possibilidade de evasão, um jogo interminável, uma aventura com a sua dose de risco. Quem acha que Peter Pan é uma brincadeira de crianças, sabe apenas uma pequena parte da história.»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 imagina descobre voa	ISBN 978-989-707-521-6 10+  9 789897 075216
20 20 editora	Literatura Juvenil